



Ensaio fotográfico

Floresta da Tijuca: desejos e segredos

Jofre Silva

Denise Portinari

O Rio de Janeiro é uma cidade de clima tropical: quente e úmido. Com montanhas, pedras, morros, sol e chuva, sua paisagem instaura o exercício do olhar que no pensamento de Nietzsche se prende às formas. Como a experiência da vista faz transbordar uma força estética que é da própria vida, o filósofo percebe a vida como um fenômeno estético e todo ser humano, um criador. Diante da imponência da natureza, a figura errante de Nietzsche deixa a superfície da terra para buscar na montanha uma outra experiência, tratando este movimento como um processo de transformação constante, um fluxo contínuo. Por isso, *preciso novas montanhas. Quem tem que transpor montanhas transpõe também vales e profundidades... a mim me inspira: a vida dos animais selvagens, os bosques, as cavernas, as montanhas abrutadas e os labirintos* (2002).

A cidade do Rio de Janeiro oferece também o mar. As suas praias são elementos centrais em sua geografia e reconhecidas em qualquer lugar do mundo. Vários são os símbolos dessa notoriedade: Copacabana, Bossa Nova, corpos bronzeados, surfistas, voos de asa delta, dentre outros. O hábito de curtir uma praia, lançado no início do século 20, encontra-se consolidado (O'DONNELL, 2013) e, apesar de todos os seus problemas, permanece ainda o maior interesse daqueles que vivem e passam pela cidade. Até mesmo as montanhas encostam no mar, parecendo impossível resistir ao seu fascínio. Assim, neste encontro, observa-se um outro aspecto extraordinário deste espaço urbano que é a presença de uma vasta cobertura florestal, conhecida como Mata Atlântica.

A biodiversidade da região possibilita a formação do Parque Nacional da Tijuca em 1961. Sua potência não se resume apenas ao impacto de seu apelo visual mas sobretudo ao sucesso de seu reflorestamento e, portanto, da força da superação após anos de devastação. Na verdade, esta história de sobrevivência tem início cem anos antes, em 1861, em razão de um período de seca que gera dificuldades no abastecimento de água da cidade, somado ao intenso cultivo de café em fazendas da região e ao grande processo de extração de madeira. O plano de recuperação e conservação da área é conduzido pelo major Manuel Gomes Archer e uma modesta equipe com um pouco mais de dez funcionários (NUNES, 2012). Porém, somente mais tarde, no ano de 1943, sob a responsabilidade de Raimundo Castro Maia (SERQUEIRA, 2005), o espaço passa por mudanças significativas, tornando-se um ambiente adequado para o usufruto de moradores e turistas.

ENCANTOS MEMORÁVEIS

A floresta tem seus fascínios e mistérios. No Brasil, há inúmeros relatos de experiências diversas oriundas do contato com seus elementos como, por exemplo, bebidas produzidas pela fusão de ervas, cipós, arbustos etc. Para muitas pessoas, o efeito da ingestão de chás produzidos com algumas plantas possibilita acesso ao mundo espiritual e costumam ser tratados como instrumentos de transformação. Aumentam a criatividade e o autoconhecimento. Facilitam a unidade do ser.

O escritor José de Alencar relata no romance *Iracema* os benefícios alcançados com uma bebida conhecida popularmente como “Jurema Sagrada”. A tradição oral, segundo Mestre Januário, diz que *os iniciados em seus mistérios podem aprender as realidades dos mundos invisíveis e penetrar o templo encantado do conhecimento, alimento do espírito, dado pela visão e não pelas palavras*. A Jurema deixa *fluir os pensamentos, sentimentos, atos e atitudes*. Torna-se, portanto, essencial para o acesso aos encantos da vida, dentro e fora da floresta.

No esforço de obter respeito por suas tradições, várias tribos indígenas estão se dispondo a propiciar vivências de cura física e espiritual aos interessados pela experiência com a bebida. Acreditam que o saber ancestral indígena está assumindo um papel cada vez mais importante neste momento de transformação da humanidade, alinhando-se com outras correntes que também conduzem ao espírito criador e elevam a consciência humana. Como mistério, sabedoria e segredos envolvem a bebida, seu preparo é feito apenas com índios (ver *websites* listados abaixo).

Segundo a tradição ancestral dos Kariri Xocó, etnia de Alagoas, o ritual da Jurema oferece cura sem dualismo, permitindo visões e contato com antepassados. Entre os cantos e danças desta sessão, um deles narra o percurso por um caminho de vales, mares e florestas até o encontro da escuridão, o breu profundo, lugar de unidade do ser, semelhante ao espaço de um útero. Porém, este desejo pela sensação de unidade e continuidade não é uma prerrogativa da cultura popular.

Os mestres da cultura erudita, conforme mencionado acima, também se ocupam desta busca no âmbito da literatura. Na compreensão de Perrone-Moisés (2000), unidade e continuidade só são possíveis na dimensão poética e espiritual. O escritor francês Marcel Proust, por exemplo, apresenta o útero como o lugar ideal, onde imaginariamente ocorre a fusão de dois corpos no mesmo espaço. Assim, seu tempo torna-se um conjunto de momentos-lugares memoráveis separados por imensas distâncias, sem continuidade.

O seu espaço fragmentário advém das irregularidades da memória, tão intermitente quanto o coração.

Na mediação da dicotomia entre popular e erudito, observa-se a questão da alma (de tornar-se uno) sendo tratada como a busca de uma vida interior capaz de potencializar a força humana. A vontade do poder, o desafio de pensar por si mesmo, torna-se um processo de libertação de tradições ou opiniões que não são suas, alerta Nietzsche. Ao pensar a vida como transformação contínua, movida pela força divina oferecida pela arte, pensamento e saber, recomenda ainda que “seja como fores, seja tua própria fonte de experiências. Jogues fora o descontentamento com sua natureza. Perdoa a ti mesmo, a si próprio, está em teu poder misturado às tuas vivências. Teus momentos hesitantes, erros, ilusões, paixões, teus amores e tuas esperanças. Tua própria meta e nada mais” (NIETZSCHE, 1986).

SABOR DO SILÊNCIO

Os ensaios fotográficos reunidos aqui resultam de um procedimento metodológico de caráter exploratório para que a investigação encontre um caminho próprio, capaz de refletir a subjetividade do pesquisador. Espera-se, com isso, criar condições de imersão, ou uma interiorização, como diz Foucault (1983; 1985). Esta estratégia assegura um pensamento sem as amarras de fórmulas hegemônicas, testadas e validadas como detentoras do selo científico. Algo semelhante ao explicado por Barthes quando diz que todo método é ficção no estudo do *Imaginário: as narrativas, as imagens, os retratos, as expressões, os idioletos, as paixões, as estruturas que jogam ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança e com uma incerteza de verdade* (1980).

Para ampliar a compreensão deste tipo de abordagem de trabalho, MD Magno (2013) discorre sobre “A razão do percurso”, da seguinte maneira:

A gente pensa, com hábito já bem antigo, que o que não é da ordem da ficção não seja ficção. Não é verdade. Hoje, cada vez mais sabemos que toda construção mental, em última instância, é ficção. Precisamos nos convencer de uma vez por todas de que, em última instância, toda produção mental é ficção. Variam os motivos, os materiais e as referências que podem ser desde a mais delirante mitologia até a mais delirante matemática.

O caráter exploratório deste método de trabalho favorece a condução do pensamento para um processo de interiorização, mais próximo da verdade do investigador – sua subjetividade. Ajuda a compreender as especificidades

do mundo sensível da pessoa que organiza a investigação. Possibilita, para quem conseguir aventurar-se, o contato com a origem, a autoria ou seja a intuição e o desconhecido – aquilo que ainda está por formular. Por outro lado, oferece também condições para encontrar apoio e direção dentro do familiar, para quem preferir ou necessitar.

Opta-se aqui pelo entendimento do investigador como “o sujeito de uma prática”, recorrendo às considerações de Barthes sobre o escritor (autor). Assim, a escolha é a da resistência ou seja manter-se “ao revés e contra tudo a força de uma deriva e de uma espera”. Tentar um deslocamento – “transportar-se para onde não se é esperado”. No universo Barthesiano, este exercício torna-se um tipo de jogo relacionado ao teatro: *jogar com os signos em vez de destruí-los... instituir...uma verdadeira heteronímia das coisas... pois o desejo é mais forte do que sua interpretação* (1980).

Neste processo de investigação, o sujeito interiorizado, dobrado sobre si mesmo, tenta lidar com pensamentos, desejos e paixões para conseguir elaborar uma proposta conceitual autêntica e verdadeira. Ao voltar-se para dentro, tentando adquirir um conhecimento de si, este investigador examina suas motivações e aspirações para então definir seu papel na realização do estudo. Para Foucault (1984), esta busca é estabelecida pela *necessidade de um combate difícil e de muito folego consigo mesmo, ... que só se dirige ao próprio ser em sua verdade, e a interrogação do homem sobre si mesmo enquanto sujeito de desejo*.

A experiência com os projetos da floresta mostra que o caminho exploratório oferece a questão da verdade, do cuidado de si, da soberania do indivíduo sobre si mesmo. Pode até não ser muito consciente, deixando a impressão de que acontece espontaneamente e intuitivamente, sem trauma ou castração, dado o grau de experiência do investigador com esta dinâmica. Embora pareça ainda que tudo ocorre com tranquilidade em forma de fruição prazerosa, a tentativa é *encontrar lugares diferentes de fala*, como diz Barthes (1980). Neste paralelo, vale acrescentar também que: “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa” (*Ibidem*).

Para perceber este trabalho acadêmico como instrumento de uma busca da transformação, a sua prática vem como uma maneira de estilizar, dar forma e figura, valorizar o “próprio ser em sua verdade”. Naturalmente, na constituição da subjetividade, esta prática torna-se uma dentre tantas outras presentes em várias áreas do conhecimento e esferas da vida. Assim,

a intenção é encontrar aqui indícios de um pequeno embrião da estética da existência (FOUCAULT, 1985), refletindo o seu potencial criador. Potencializar o saber e, claro, o sabor *para que as coisas se tornem o que são* (BARTHES 1980).

SUBJETIVIDADE DISPERSA

O projeto envolvendo o parque nacional da Tijuca tem início no primeiro semestre de 2013 e integra o programa da disciplina “Fotocriação”, do curso de graduação de Comunicação Visual Design, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com a proposta de estimular os estudantes a pensar a fotografia e suas relações com o campo da arte e do design, a floresta ajuda a introduzir a discussão da sustentabilidade, da ética ambiental, como uma das principais preocupações da cultura contemporânea. Para fomentar a troca de experiências durante a abordagem e o desenvolvimento de todo o trabalho, prioriza-se também a sua realização em grupo.

Histórias, paisagens, plantas, flores, pedras e outros elementos constituem o processo de representação da tecnologia fotográfica nos referidos projetos. A semiótica Barthesiana fundamenta a compreensão da imagem como um “certificado de presença”. O conceito de *studium*, por exemplo, favorece a percepção do contexto da cultura visual ou seja a dinâmica interna dos componentes cênicos como espaço, tempo, luz, performance, composição, figura e objeto. Enquanto o *punctum* auxilia na compreensão da subjetividade e do acaso, provocando desejo, prazer ou dor. Conforme explica Barthes, uma experiência que surge do nada: *a subjetividade absoluta só é atingida num estado, um esforço de silêncio ... tinha de descer mais ainda em mim mesmo para encontrar a evidência* (1984).

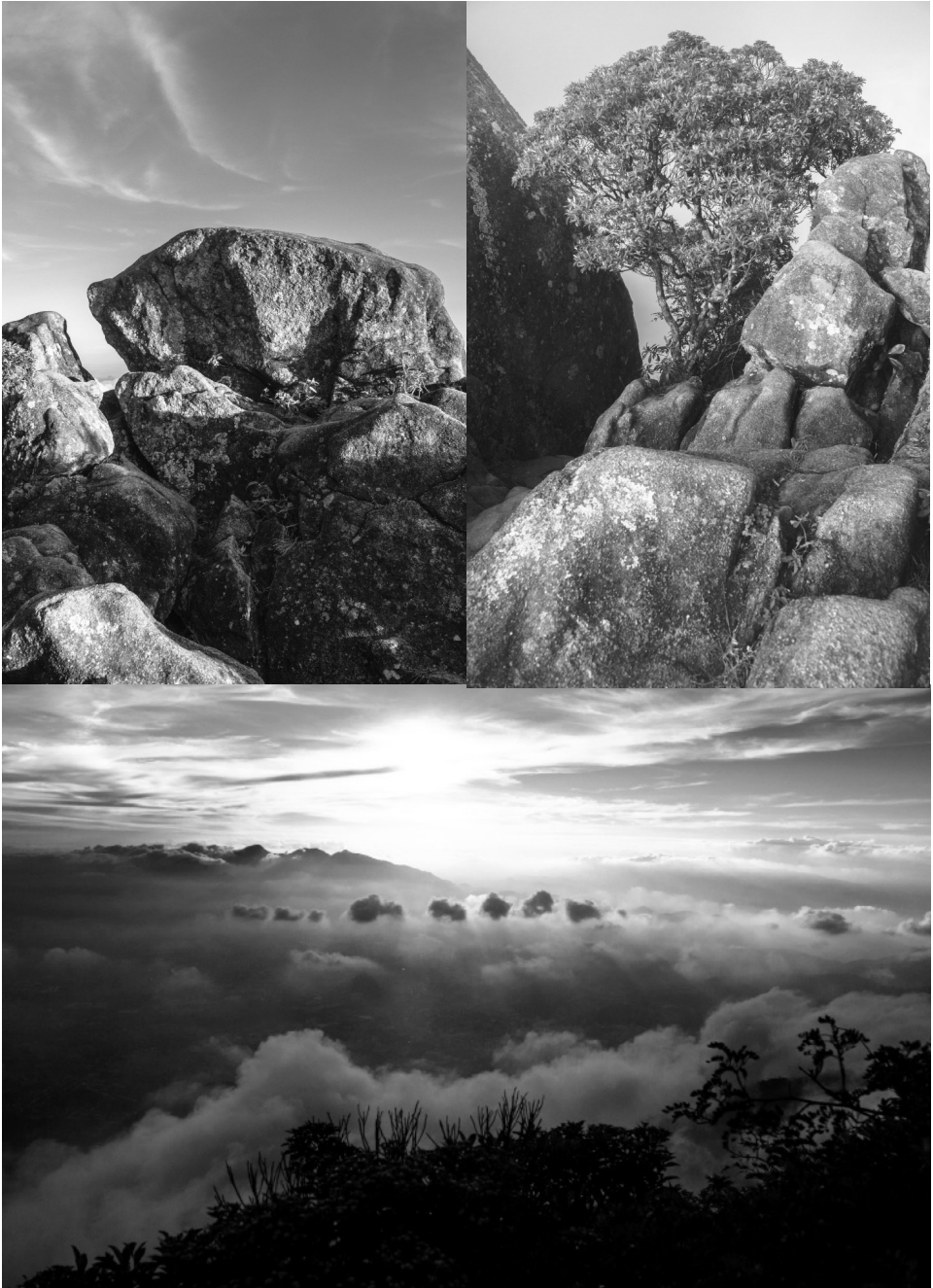
Os resultados alcançados com o projeto da floresta apresentam ensaios fotográficos com diferentes abordagens e tratamentos visuais. A experiência revela pluralidade do discurso (em seu processo de representação), com distintas táticas de luta no enfrentamento de todo o processo. As imagens realizadas não aspiram apenas à condição de um testemunho puro ou documento. Evitam formular denúncias e não lançam mão de conflitos familiares do poder político, social ou econômico. Tratam mais da experiência humana e da dignidade fundamental da relação com o outro, seja do mundo animal, vegetal ou mineral. Articulam histórias, desejos e sentidos. Passam por lugares e acontecimentos com se fossem rituais ou mistérios com a força do sonho e magia. Parecem saídas de um transe. Fantasmas.

Em alguns ensaios fotográficos, o trabalho resulta de uma busca existencial, pessoal, refletindo uma angústia humana; como se pelo isolamento, indo ao fundo do desconhecido, fosse suficiente para encontrar o novo. Pelo encanto com o mundo real, observa-se uma abordagem visual que tenta captar o insólito, muitas vezes oculto na banalidade. A luz revela sentimentos obscuros, sem fornecer qualquer salvação. A sensação de melancolia transmite um tipo de deslocamento. Neste momento, o drama deixa a esfera pessoal. Nesta renúncia, só há desamparo. Dispersão:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje quando me sinto
É com saudade de mim
(SÁ-CARNEIRO, 2010)

A nostalgia presente em outras imagens gera estranhamento. Indiferentes ao impasse dos rumos dados pela contemporaneidade, clamam por sentido, ternura e compaixão. Lançam algum tipo de esperança. Tomam consciência da inocência do olhar e, pela vulnerabilidade de sentimentos difusos, procuram reconhecimento. Parecem antecipar experiências. Arriscam passagens de momentos de transformação e descobertas possibilitadas pelo ambiente da floresta.

A seguir, os ensaios fotográficos realizados na disciplina de Fotocriação do curso de graduação em Comunicação Visual Design, da Escola de Belas Artes, da UFRJ, em 2013. A concepção e direção dos trabalhos é do professor-orientador: Jofre Silva. Acompanham a presente edição exemplos dos projetos desenvolvidos pelos seguintes alunos: Yuri Correa, Fabio Reina, Manuella Schorchit, Fernanda Monteiro, Bruna Santos, Iaê Stauffer e Vinicius Machado.



Yuri Correa, 2013.





Fabio Reina, 2013.





Manuella Schorchit & Fernanda Monteiro, 2013







Bruna Santos, 2013.





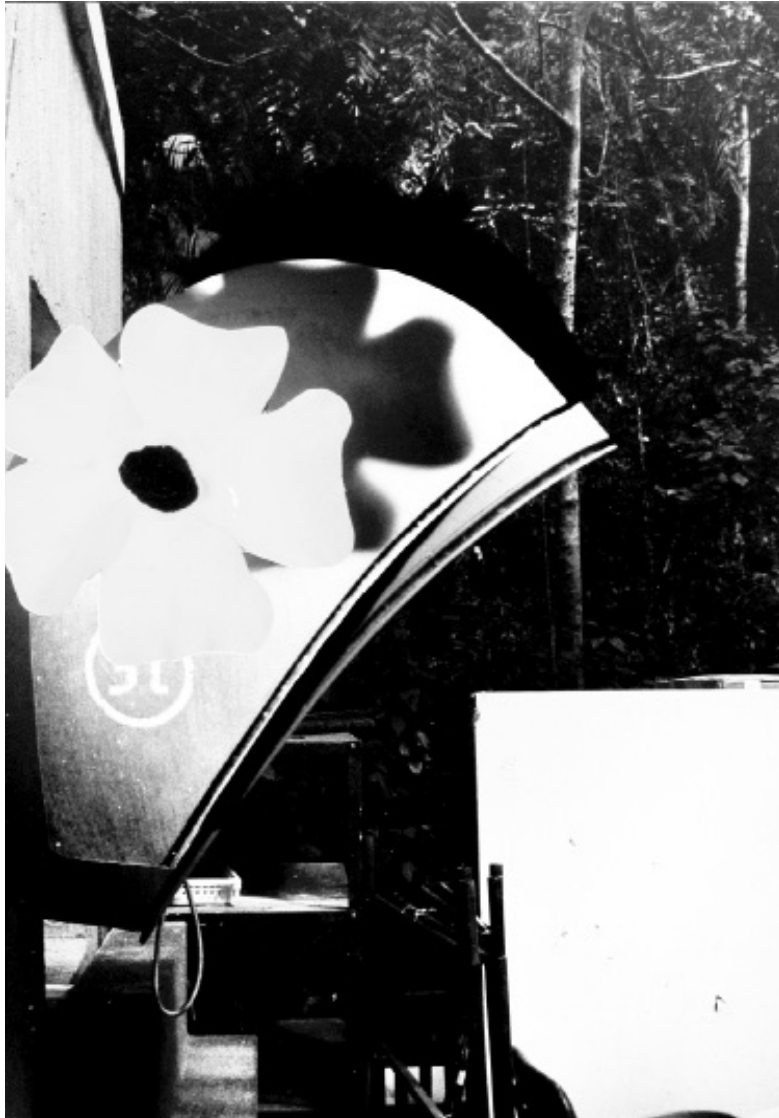








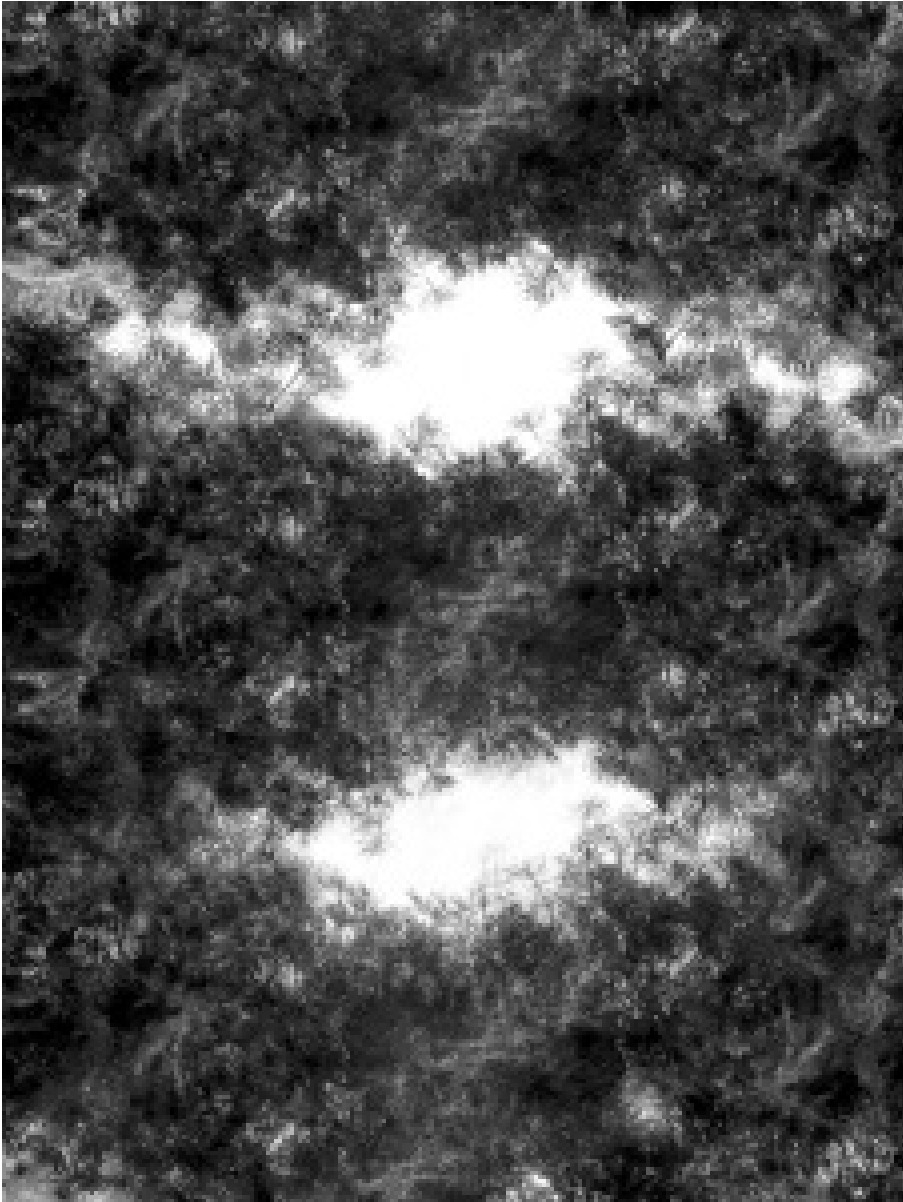
laê Stauffer, 2013.





Vinícius Machado, 2013.





Vinícius Machado, 2013.

A floresta está na sua cara.

Hugo Leo Ribeiro & Vinícius Machado, 2013









REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmera clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JUREMA – <http://www.aldeiadeshiva.org/medicinas/jurema.html>

_____. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jurema_%28%C3%A1rvore%29

_____. (Mestre Januário) <http://htfgvb.blogspot.com.br/>

_____. <https://sites.google.com/site/wyanakaririxoco/Wyana/um-pouco-da-minha-historia>

MAGNO, M.D. *Razão de um percurso*. Falatório. Rio de Janeiro: Novamente, 2013.

NIETZSCHE, Frederico. *Humano, demasiado humano*. México: Editores Mexicanos Unidos, 1986.

_____. *Assim falava Zarathustra*. EbooksBrasil, 2002.

NUNES, Sátiro Ferreira; Equipe de Documentos do Poder Executivo e Legislativo. *Fundo: Administração da Floresta da Tijuca (TA)*: inventário dos documentos textuais. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SÁ-CARNEIRO, Mário. *Dispersão*. Digital Neolivros, 2010.

SERQUEIRA, Celso de Martins. *Floresta da Tijuca*, 2005. In.: www.serqueira.com.br.